

Coleção Tribunais e MPU
Coordenador HENRIQUE CORREIA

RODOLFO GRACIOLI



ATUALIDADES

PARA OS CONCURSOS PÚBLICOS

4.^a edição
Revista e atualizada

2021

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

CAPÍTULO II

TERRORISMO NO MUNDO

1. TERRORISMO ENQUANTO PREOCUPAÇÃO MUNDIAL

Há alguns anos a ascensão de organizações terroristas pelo globo tem espalhado o medo. Um perigo em potencial, o terrorismo tem exigido articulação da diplomacia internacional, o que muitas vezes esbarra em rivalidades históricas, ideológicas, políticas ou religiosas. Entretanto, já há algum tempo, o terrorismo passou a ser elemento prioritário nas discussões que envolvem as principais nações do globo, mesmo que a queda de representatividade das organizações criminosas tenha sido um fenômeno assistido nos últimos anos (o que não extinguiu as concepções terroristas, já que as ideias estão espalhadas, inclusive pelo ambiente virtual – destaque para a deep/dark web).

Além disso, estudar as organizações terroristas é se voltar para questões econômicas, sociais, territoriais e culturais. A atuação destas frentes que assustam o globo envolve leituras extremistas e radicalizadas de escritos sagrados, o que acaba por confundir religião com prática terrorista, extrapolando outra problemática para o mundo contemporâneo: o preconceito com relação aos indivíduos que pertencem ao mundo islâmico, mas que nada tem a ver com as facções terroristas. Vale destacar, nessa dimensão, a ampliação da representatividade de partidos políticos com medidas considerada xenófobas e que, em suas respectivas justificativas, apontam o medo pelo terrorismo como algo marcante (talvez esse seja um efeito da escalada do ódio, dos questionamentos democráticos, da fragmentação dos direitos humanos, da fragilização dos laços entre as nações).

Não existe uma definição a nível internacional sobre o que seja considerado terrorismo. Ainda assim, após os ataques em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América, grande parte dos países passaram a discutir legislações específicas para tipificar o crime de terrorismo. O ataque às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, resultou na morte de quase 3 mil pessoas e “apresentou” ao mundo o tamanho dessa problemática. Naquele instante da história, o olhar se voltava para os responsáveis pelo ataque – grupo terrorista Al Qaeda, liderados por Osama Bin Laden. Atualmente, outros fatos chamam a atenção:

- ▶ Em agosto de 2021, o **Boko Haram** (grupo que atua de modo intenso na Nigéria), libertou uma garota sequestrada há 7 anos. A garota havia sido sequestrada em 2014. Na época, foram 270 meninas, entre 12 e 17 anos,

que oram sequestradas – o fato desencadeou uma ampla campanha de mobilização com a hashtag #BringBackOurGirls. Desde então, cerca de 100 meninas foram libertadas ou conseguiram fugir do grupo. Das que não conseguiram, algumas foram apontadas como mulheres-bomba em ataques, mas acredita-se que grande parte delas se tornaram escravas sexuais. O grupo terrorista começou a raptar estudantes porque considera a educação como um "pecado", mas também porque percebeu que era uma forma de conseguir dinheiro para financiar suas ações, já que eles entram em contato para pedir resgates financeiros (Uol, agosto de 2021).

O grupo militante Estado Islâmico da Província da África Ocidental (Iswap, na sigla em inglês) disse, em gravações de áudio obtidas pelas agências de notícias AFP e Reuters em junho de 2021, que **Abubakar Shekau, líder da facção islâmica nigeriana Boko Haram, cometeu suicídio** durante um combate entre membros dos dois grupos. Uma pessoa que se identifica como o líder do Iswap, Abu Musab al-Barnawi, afirma na gravação que Shekau morreu em 18 de maio após detonar um explosivo enquanto era perseguido pelos rivais.

A Organização das Nações Unidas já vem alertando sobre a violenta atuação do Boko Haram. O conflito desencadeado há 12 anos pela violência do grupo jihadista Boko Haram no nordeste da Nigéria causou a morte de cerca de 324.000 crianças menores de cinco anos, a maioria delas por doenças ou desnutrição, segundo um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Até o final de 2020, o conflito causou cerca de 350 mil mortes, das quais 314 mil aconteceram por causas indiretas, segundo o PNUD. A insegurança levou à diminuição da produção agrícola e do comércio, reduzindo o acesso a alimentos e ameaçando as muitas famílias que dependem da agricultura para obter renda. Centenas de milhares de nigerianos também foram deslocados de suas casas, muitas vezes significando a perda de meios de subsistência, bens e sistemas de apoio essenciais. O Boko Haram foi criado em 2002 na cidade de Maiduguri, capital de Borno, pelo líder espiritual Mohammed Yusuf para denunciar o abandono do norte do país pelas autoridades. Naquela época, o grupo realizava ataques contra a polícia nigeriana, mas, desde que Yusuf foi morto por agentes em 2009, o Boko Haram se tornou mais radical. Desde então, o nordeste da Nigéria vive um estado de violência provocado pelo grupo jihadista, que pretende impor um estado islâmico no país, de maioria muçulmana no norte e predominantemente cristão no sul (EFE, junho de 2021)

Na tradução, Boko Haram significa “educação ocidental é um pecado”. O grupo tem se notabilizado por sequestros e pelo uso excessivo da violência. De dezembro de 2020 até agosto de 2021, cerca de mil estudantes haviam sido sequestrados. Um estudo da consultoria nigeriana SBM Intelligence analisou o pagamento de resgates entre junho de 2011 e março de 2020 e apontou que, no período pesquisado, os sequestros geraram ao menos US\$ 18,34 milhões (R\$ 95,5 milhões). Em 2020, mesmo em meio à pandemia, foram ao menos 413 sequestros, segundo o Monitor de

Segurança da Nigéria, levantamento elaborado pelo *think tank* americano *Council on Foreign Relations*. (Folha de S. Paulo, agosto de 2021).

Um paralelo com relação ao contexto nigeriano que apareceu nos noticiários recentemente: o governo do país mais populoso da África anunciou em 4 de junho de 2021 que estava suspendendo o Twitter por "tempo indeterminado", acusando especificamente a rede social de ter uma "missão suspeita" contra o governo e de manter mensagens na plataforma incitando a violência do chefe de um grupo separatista no sudeste da Nigéria. O governo impôs como pré-condição para a retirada da proibição da rede social que a empresa Twitter fosse registrada no país. A suspensão do Twitter, bem como a ordem dada pelo governo aos meios de comunicação audiovisual para apagarem a sua conta num gesto "patriótico", causaram grande impacto num país onde esta rede social é um importante instrumento de protesto.

► **QUESTÃO SOBRE O TEMA:**

Ainda que não exista uma definição universal sobre o terrorismo, como definir tal prática de modo geral?

Resposta: Entende-se o terrorismo por uso **sistemático da violência para intimidar um governo ou uma população**, de modo a alcançar um **objetivo político, ideológico ou religioso**. Ou seja, o ato terrorista não visa a atingir somente suas vítimas diretas, mas disseminar o medo, o terror, na sociedade a que elas pertencem. O grande problema das ações terroristas reside no seu ponto arbitrário e indiscriminado do uso da força.

No atual estágio da sociedade, forças como Boko Haram, Estado Islâmico, Al Qaeda do Iêmen e Al Shabab demonstram o tamanho da selvageria e barbárie ao decepar reféns, usar crianças e mulheres como escudo humano ou estuprá-las de maneira repetida. Neste sentido, o entendimento do conceito de terrorismo passa pelo distanciamento de uma preocupação com a sociedade civil, já que a força indiscriminada acaba por atingir o contexto como um todo, ferindo e violando direitos humanos. Muitos dos próprios terroristas justificam tais práticas a partir de uma leitura religiosa extremista. Estes consideram-se **guerrilheiros, rebeldes, revolucionários, separatistas**, enfim, qualquer outra palavra que amenize a dimensão de violência utilizada a partir de suas práticas.

► **IMPORTANTE!**

A expressão "terror" teve seu **primeiro uso no âmbito da política durante a ditadura** de Robespierre e Saint-Just, na **Revolução Francesa**. Trata-se de uma referência histórica importante para alocação geográfica, visto que muitos tendem a polarizar as práticas terroristas para uma ou outra ideologia. O que a historiografia demonstra é que tanto organizações de direita como de esquerda, revolucionários e nacionalistas, religiosos e governos constituídos utilizaram de tais práticas para impor a força. No momento pós-revolução **Russa (1917)**, no **fascismo italiano ou nazismo alemão** e na própria **ditadura militar brasileira** (especialmente entre os anos de 1968 e 1977), práticas similares ao terrorismo foram instrumentos "legitimados" para manutenção do poder.

DICA!

- ▶ Um dos destaques importantes para o entendimento da disseminação das ideias terroristas pelo globo se dá a partir da constatação de um **ambiente tecnológico que conecta espaços geográficos que até então eram distantes**. Os mecanismos virtuais são utilizados de maneira ampla pelas organizações terroristas, o que promove uma **propagação dos ideais extremistas e amplificam o discurso de ódio** e perseguição. O Estado Islâmico chegou a destacar que estaria desenvolvendo uma rede social própria que impediria o monitoramento por parte de serviços de segurança que atuam na dimensão virtual. Dentre as estratégias, os terroristas utilizam ainda hashtags e revista digital. Em 2017, o próprio Facebook, em parceria com o Twitter, o Youtube e a Microsoft anunciaram que criariam um grupo específico para tratar a temática.
- ▶ No ano de 2021, a Lei Antiterrorismo do Brasil completou 5 anos. O fato acaba se tornando relevante, apesar de o país não ter um histórico de ataques terroristas (vale lembrar que a legislação ganhou força em 2016, por conta da realização de evento esportivo de alcance internacional, as Olimpíadas do Rio de Janeiro).
- ▶ Outro episódio que chamou bastante a atenção em 2021 foi o ataque a **estátua do bandeirante Borba Gato**, em São Paulo. Nos últimos anos, uma série de ataques à monumentos e estátuas de personagens ligados ao passado escravocrata tem chamado a atenção: seria uma forma de reparar a história e “apagar a memória” ou seriam atos que deslegitimam os caminhos coerentes de um protesto, resultando em vandalismo? A temática que é bastante polêmica despertou a “caracterização” de terrorismo por alguns setores da sociedade, enquanto outros falavam em “exemplo”.
- ▶ Outro exemplo de acontecimento bastante oportuno para uma prova de atualidades diz respeito ao cenário de Colômbia e Venezuela. Atualmente, os países vivenciam uma relação bastante desgastada na figura de seus respectivos presidentes (Iván Duque e Nicolás Maduro, respectivamente). Assim sendo, no final de julho de 2021, o **presidente da Colômbia pediu aos Estados Unidos para declararem a Venezuela como um país “promotor do terrorismo”**. A Colômbia tem acusado o país comandado por Maduro de oferecer refúgio para rebeldes dissidentes das FARC e guerrilheiros do ELN (Exército de Libertação Nacional). Entretanto, um fato específico chamou a atenção: uma suposta tentativa de ataque ao helicóptero do presidente da Colômbia (ninguém ficou ferido). O helicóptero foi atacado com tiros de fuzil ao sobrevoar uma região do leste colombiano, área marcada por conflitos. No curso das investigações, 10 pessoas chegaram a ser presas – seriam rebeldes da ex-guerrilha que rejeitam o acordo de paz firmado com o governo que transformou a FARC em partido político (inicialmente identificado por Força Alternativa Revolucionária do Comum, mantendo a sigla, mas depois transformado em “Comunes” – nome dado em janeiro de 2021).

2. ESTADO ISLÂMICO: MÁQUINA DE FAZER VÍTIMAS

A lista de ataques da organização conhecida por Estado Islâmico cresce a cada dia. Seja na Europa ou no próprio Oriente Médio, o Estado Islâmico tornou-se tema batido nos noticiários internacionais. Inclusive, se voltarmos alguns anos, a própria Agência Brasileira de Inteligência (Abin) chegou a emitir parecer sobre o Brasil enquanto provável alvo do grupo **jihadista sunita** (fato amplificado durante eventos esportivos, mas sempre em pauta por se tratar de um país historicamente com raízes religiosas distintas da leitura do grupo radical islâmico).

O grupo de orientação sunita passou a utilizar o terrorismo a partir de outra perspectiva: a **violência sem fronteiras e o recrutamento de jovens via plataformas virtuais**, o que ampliou a área de alcance e despertou nas autoridades do mundo todo a necessidade de discutir medidas cabíveis para combater tais práticas. Por algum tempo, o grupo terrorista se aproveitou de toda a instabilidade do cenário da Síria para recrutar pessoas. Tal fato pode ser exemplificado pela deterioração de direitos da população Síria, país que vivencia um cenário de Guerra Civil há dez anos, com mais de 500 mil mortes segundo o Observatório Sírio para Direitos Humanos. Interessante pensar que a morte de Osama bin Laden, numa impressionante operação militar americana em solo paquistanês, em maio de 2011, espalhou uma sensação de alívio nos países que vinham sofrendo ataques organizados pela al-Qaeda – entretanto, poucos imaginavam que o terrorismo continuaria sendo pauta das relações internacionais, principalmente pela escalada do Estado Islâmico. Apesar da disseminação dos ideais pelo ambiente virtual, o grupo terrorista viu seu poderio enfraquecer nos últimos anos (vários fatores colaboram, com destaque para a coalizão internacional).

► QUESTÃO SOBRE O TEMA:

A França tem sido alvo de organizações terroristas. Quais motivos?

Resposta: Uma das explicações diz respeito à atuação das forças militares francesas na coalizão liderada pelos Estados Unidos para combater o Estado Islâmico (a França integra os combates desde 2014). Os muçulmanos representam entre **7% e 10% da população total da França**. Esse número de muçulmanos no país se deve à política flexível de imigração, o que não resultou na absorção no mundo do trabalho, por exemplo. Além disso, alguns franceses islâmicos (mais de 700) foram treinados pelo Estado Islâmico na Síria. Outro ponto relevante diz respeito à **dimensão cultural de Paris**, cosmopolita e libertária, não é aceita pelos terroristas. A ideia de “liberdade”, por exemplo, um dos pontos cruciais da Revolução Francesa é mal-vista pelos radicais do Estado Islâmico. Em 2021, o assassinato de um padre na França revigorou o debate sobre o terrorismo (o próprio papa Francisco chegou a lamentar publicamente o episódio). Segundo as investigações iniciais, o solicitante de refúgio ruandês Emmanuel Abayisenga seria o responsável pelo ato (ele mesmo chegou a se entregar à polícia). Segundo as investigações iniciais, o ataque teria motivações terroristas.

► IMPORTANTE!

- O Estado Islâmico chegou a definir Paris, capital da França, como **“capital da prostituição e do vício”**.
- O Estado Islâmico **proibiu** o uso de camisetas de time de futebol. Segundo o estabelecido, quem ousar se vestir com a camiseta de algum clube **pode receber até 80 chibatadas**.
- **Ao longo de 2017, grupos pró-Estado Islâmico chegaram a realizar montagens envolvendo jogadores de futebol – Neymar, Lionel Messi e Cristiano Ronaldo – os ameaçando e sugerindo ações durante a realização da Copa do Mundo de Futebol.**

Nos últimos anos, nota-se um enfraquecimento do potencial de alcance do Estado islâmico – vários são os fatores que explicitam tal situação. Ainda assim, o terrorismo continua sendo uma problemática invisível, já que o monitoramento de pessoas envolvidas com ideais radicais é um grande desafio para as autoridades competentes espalhadas pelo mundo.

Em seu auge, entre 2015 e 2016, o chamado Estado Islâmico controlava cerca de um terço do território sírio, especialmente o nordeste, e grandes faixas de terra e importantes cidades no Iraque. Com seu domínio sobre Falluja, estabeleceu-se a apenas uma hora de Bagdá. Em maio de 2015, ainda em expansão, a organização tomou a estratégica cidade de Palmira, no centro da Síria e onde ficam algumas das mais importantes ruínas da Antiguidade do país, datadas de cerca de 2 mil anos atrás. Defensor da destruição de toda e qualquer referência cultural ou religiosa considerada herege, o EI já havia destruído monumentos próximos a Mosul e artefatos assírios e sumérios mantidos no museu da cidade. Em Palmira, sua ideologia destrutiva foi novamente colocada em prática, com boa parte das ruínas implodidas pelo grupo. Em março de 2017, porém, forças do regime de Assad, com a ajuda de aviões russos, expulsaram o EI de Palmira pela segunda vez - agora, de forma definitiva. No Iraque, aos poucos o governo iraquiano foi recuperando as cidades controladas pelo EI. Em outubro de 2016, iniciava um monumental esforço para recuperar o controle de Mosul. Com 30 mil soldados próprios, 4 mil combatentes da milícia curda (conhecida como peshmerga) e bombardeios aéreos dos Estados Unidos, o Iraque foi aos poucos tomando partes da cidade. Nove meses depois, em 10 de julho de 2017, o primeiro-ministro iraquiano, Haider al-Abadi, declarou vitória na guerra contra o EI em Mosul.

Em outubro de 2017, foi a vez de Raqqa, na Síria, considerada a capital do Estado Islâmico. Após uma batalha de quatro meses, as Forças Democráticas Sírias, lideradas pelos curdos e apoiadas pelos Estados Unidos, expulsaram o EI da cidade. O chamado Estado Islâmico, que já perdera seu largo território, que lhe permitiria financiar sua máquina de guerra e terror, ficava agora sem capital.

Em março de 2019, perdeu também sua última base, a cidade de Al-Baghuz Fawqani, ou simplesmente Baghuz. Localizada no extremo leste da Síria, ao lado da fronteira com o Iraque e na beira do rio Eufrates, a retomada de Baghuz marcou o fim do suposto califado de Abu Bakr al-Baghdadi.

CAPÍTULO VII

HOMOFOBIA EM PAUTA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

1. CRIMINALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO

Um dos maiores debates da atualidade diz respeito à **intolerância em seus mais variados aspectos**. Entretanto, alguns episódios fatídicos elevaram a preocupação em se discutir a questão do gênero, da sexualidade e da legitimação (via ordem jurídica ou social) dos direitos da comunidade LGBTQIA+. As múltiplas formas de violência que ganham os noticiários cotidianamente elucidam a marginalização do debate e o preconceito enraizado nos hábitos de grande parte da população, o que dificulta a evolução coerente pelo tema.

Além de tudo, os dados são assustadores. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas, no mundo, cerca de 69 países ainda criminalizam as relações entre pessoas do mesmo sexo ou formas de expressão de gênero. Em algumas nações, aplica-se a pena de morte. A pauta é sempre evidenciada durante o mês de maio, já que dia 17 de maio é o Dia Internacional contra Homofobia, Transfobia e Bifobia.

Em 2021, o tema ganhou visibilidade em diferentes eventos, com destaque para as mobilizações na Eurocopa e nas Olimpíadas de Tóquio. No caso de Tóquio, cerca de 180 atletas eram declaradamente LGBTQIA+ - mais do que o triplo do evento anterior no Rio de Janeiro (dados do portal 'Outsports', especializado em informações sobre pessoas LGBTQ+ no mundo dos esportes). Na cerimônia de abertura, a polonesa Aleksandra Jarmolinska, do tiro esportivo, desfilou com uma máscara de arco-íris, que simboliza a comunidade LGBTQ+. Muito envolvida na defesa dos direitos da comunidade LGBT, a americana Raven Saunders comemorou sua medalha de prata no arremesso de peso, formando um X com os braços no pódio, em sinal de apoio aos oprimidos. Essa também foi a primeira edição dos Jogos Olímpicos que contou com a presença de uma atleta transgênero, a halterofilista da Nova Zelândia Laurel Hubbard. Apesar de ter chegado bem classificada, Laurel não teve um bom desempenho e foi eliminada antes das finais do levantamento de peso. (Uol esporte, agosto de 2021).

► **QUESTÃO SOBRE O TEMA:**

Quais reflexões são relevantes para o atual momento?

- Outra questão importante que se desdobra pela contemporaneidade é a dimensão da lei. Em 2019, o Supremo Tribunal Federal formou maioria para entender que homofobia e transfobia deveria ser equiparado ao crime de racismo. O problema é que existe um enorme tabu na tratativa do tema. Dessa forma, torna-se desafiadora a superação da problemática.
- Apenas 48% das escolas brasileiras afirmaram ter projetos para tratar relações étnico-raciais, por exemplo. Menos da metade das escolas brasileiras têm projetos para debater o racismo e demais relações étnico-raciais. Menor ainda é o espaço do combate ao machismo, à homofobia e às desigualdades sociais. Os dados estão no Anuário Brasileiro de Educação Básica 2021, divulgado em agosto de 2021 pela organização Todos Pela Educação. De acordo com o levantamento, 48% das escolas afirmaram ter projetos para tratar relações étnico-raciais, incluindo o racismo. Apesar desse debate avançar na sociedade, a pauta não avançou pelas salas de aula - pelo contrário. Como comparação, entre 2013 e 2017, mais de 70% das escolas tinham projetos nesta temática. Dentre essas questões, o machismo é o menos abordado no ambiente escolar, com projetos em apenas 15,8% das escolas. Já a homofobia é tratada por apenas 26% das instituições de ensino; e as desigualdades sociais por 35,9% (CNN, agosto de 2021).

Outro ponto de destaque diz respeito à “cura gay” ou terapias de reversão sexual que persistem, mesmo a homossexualidade ter deixado de ser considerada doença em 1990, pela Organização Mundial da Saúde. Em julho de 2021, por exemplo, o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) denunciou à Justiça do DF um homem que se passava por psicólogo, em Brasília, e oferecia “garantia vitalícia” para “tratamento do homossexualismo” (sic), a chamada “cura gay”. Para os promotores, ele deve responder por charlatanismo, exercício ilegal da profissão e racismo social por orientação sexual. A prática é proibida pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e, em 2019, foi suspensa a partir de um entendimento do Supremo Tribunal Federal. Para o Conselho Federal de Psicologia (CFP), terapias de reversão sexual representam “uma violação dos direitos humanos e não têm qualquer embasamento científico”. Em abril de 2019, a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, suspendeu uma decisão da Justiça Federal de Brasília que permitia a prática da “cura gay”. Ela atendeu a um pedido do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que entrou no Supremo contra decisão do juiz da 14ª Vara Cível, de Brasília, que autorizou psicólogos a realizarem terapias do tipo. Resolução atual do conselho impede que psicólogos colaborem “com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades” (G1, em julho de 2021).

2. CRIMINALIZAÇÃO EM PAUTA

A pena de morte para as relações homossexuais vigora em alguns países. No Irã, na Arábia Saudita, no Iêmen e no Sudão ela é aplicada em todo o território. Na Somália e na Nigéria, somente em algumas províncias. Síria e Iraque são dois lugares

onde a pena de morte é realizada por atores não estatais. Em ambos os casos o grupo jihadista Estado Islâmico (EI) é o responsável por aplicá-la nas regiões onde há controle. Em cinco países - Paquistão, Afeganistão, Emirados Árabes Unidos, Catar e Mauritânia - a pena de morte é tecnicamente permitida por uma interpretação da lei islâmica (sharia), ainda que não seja aplicada.

Já em lugares como Uganda, Zâmbia, Tanzânia, Índia, Barbados e Guiana as relações homossexuais são castigadas com penas que vão de 14 anos em regime fechado à prisão perpétua. Em alguns países do norte da África, como Líbia, Argélia e Marrocos, as leis contemplam penas de três a sete anos de reclusão.

O relatório da Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais menciona também as informações, publicadas em abril de 2017, sobre a perseguição e o assassinato de homossexuais na República Russa da Chechênia, de maioria muçulmana.

Em Gana, o Parlamento do país discute uma nova lei que endurece as penas para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero e queer. Quem se identificar como membro da comunidade LGBTQ+ pode ser condenado a 5 anos de prisão (o debate ganhou força em 2021). A iniciativa do Gana de criminalizar ainda mais as pessoas LGBTQ contrasta com vários outros países africanos, que descriminalizaram a homossexualidade, como o Ruanda, Angola, Botswana e África do Sul.

Em julho, o Paquistão abriu sua primeira escola com fundos públicos para mulheres transexuais, que muitas vezes são condenadas ao esquecimento em instituições de ensino. Outro espaço com ampliação da visibilidade da comunidade trans é o evento de miss. Em 2021, Lehlogonolo Machaba chegou até a final da competição na África do Sul (um dos países que permite a participação de trans) - EUA, Espanha, Canadá, Nepal e Panamá são outros exemplos. No caso estadunidense a pauta também foi ampliada: Kataluna Enriquez, representante do estado de Nevada, concorreu a uma vaga para o Miss Universo, que em 2018 teve sua primeira candidata transsexual, Angela Ponce, da Espanha.

Outros fatos pertinentes sobre a pauta LGBTQIA+ chamam a atenção:

- Paula Beatriz, 50, já tem o nome na história. Educadora da Escola Estadual Santa Rosa de Lima, no Capão Redondo, na zona sul de São Paulo, ela é a primeira diretora trans de uma escola pública da cidade de São Paulo. Seu nome tem até verbete no Wikipédia e a trajetória dela foi contada nos filmes “Meu Corpo Político” e na série documental “Transgente”. Agora, esse reconhecimento está marcado também nas ruas do bairro onde mora. Ou melhor, em uma travessa. Desde maio, uma das travessas da favela do Jardim Mitsutani, também no Capão Redondo, ganhou o nome de Professora Paula Beatriz (Folha de S. Paulo, agosto de 2021).
- Quinn, atleta canadense no futebol feminino, tornou-se a **primeira pessoa assumidamente trans e não-binária a receber uma medalha nos Jogos**

Olímpicos. Embora tenha vencido bronze na Rio 2016, Quinn, de 25 anos, não havia ainda revelado publicamente sua identidade de gênero. O anúncio foi realizado apenas em 2020, o que lhe permite fazer história entre as pessoas LGBTQIAP+ ao disputar a final com a Suécia e levar a medalha de ouro na decisão inédita também para o Canadá, que venceu as adversárias, nos pênaltis (O Globo, agosto de 2021).

- Em julho de 2021, o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, anunciou a **realização de um referendo para avaliar o apoio da população à polêmica lei contra a comunidade LGBTQIAP+**. A lei húngara equipara pedofilia e homossexualidade, proíbe a "demonstração e promoção da homossexualidade" para menores de 18 anos e tem causado forte reação da União Europeia. Na prática, séries de televisão como "Modern Family" e filmes como Billy Elliot, por exemplo, seriam banidos da programação de TVs, assim como conteúdos educacionais sobre o tema em escolas. O governo de extrema direita do premiê Viktor Orbán vem irritando seus pares do bloco europeu por repetidas ações que corroem sistematicamente as instituições democráticas da Hungria. Sem mencionar a Hungria ou Orbán, 17 líderes europeus assinaram uma carta recentemente na qual reafirmam seu compromisso contra a discriminação à comunidade LGBTQIAP+ e a defesa de seus direitos (G1, julho de 2021). O debate na Hungria gerou protestos durante a Eurocopa e o GP da Hungria de Fórmula 1.
- Milhares de pessoas participaram, em julho de 2021, da Marcha do Orgulho de Budapeste, que teve como tema principal o protesto contra a chamada lei anti-LGBT do governo do nacionalista Viktor Orbán. Organizadores estimaram a presença de 30 mil pessoas, 50% mais que o público da edição anterior, em 2019. Em março, Orbán já havia processado uma emissora de TV por mostrar uma família LGBT em um comercial. O governo também proibiu a circulação de um livro de contos de fadas que incluía relações homoafetivas. Alterações na Constituição lideradas por Orbán limitaram a definição de família, por exemplo, à formada por um homem e uma mulher, e determinaram que o gênero de uma pessoa deve ser o biológico. Na prática isso impede que transexuais alterem seus nomes e, além de abolir direitos civis de casais do mesmo sexo, restringe fortemente a possibilidade de adoção por quem não estiver em casamento católico. O Fidesz, partido controlado por Orbán, inseriu na lei uma seção que diz: "Para os fins desta lei e para garantir os direitos da criança, é proibido disponibilizar a menores de 18 anos pornografia ou representação da sexualidade para seus próprios fins, ou que implique qualquer desvio da identidade do sexo com o qual a pessoa nasceu, ou mudança de gênero e homossexualidade". Ou seja, cria uma identificação entre homossexualidade e pedofilia e impede a educação sexual e até mesmo a menção à homossexualidade nas escolas (Folha de S. Paulo, julho de 2021).

- No Brasil, um dos países onde mais se matam pessoas LGBTQIA+ no mundo – com uma estimativa de uma vítima da homofobia a cada 23 horas –, 60% dos eleitores afirmam que votariam em um candidato assumidamente gay para a presidência da República. É o que disse o resultado da pesquisa Impacto da orientação sexual dos candidatos sobre a intenção de voto – Posicionamento político do eleitorado LGBT, realizada pelo Instituto Atlas (El País, agosto de 2021). Vale lembrar que o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB) revelou a homossexualidade durante entrevista. O fato foi amplamente repercutido, já que o tema é tabu em vários segmentos, inclusive na dimensão política (além disso, na época, Eduardo Leite era um dos prováveis candidatos à presidência).

3. E NO BRASIL, COMO O TEMA EVOLUI?

A realidade brasileira é marcada pela violência intensa contra as minorias como um todo. Com relação a diversidade sexual o cenário não é diferente. A propagação do ódio e a violência simbólica ganha espaço no ambiente virtual. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB) – mais antiga entidade do gênero do Brasil – **237 gays foram mortos em 2020 em todo o Brasil**. Foram 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%).

Foram 161 travestis e mulheres transexuais (70%), 51 gays (22%), 10 lésbicas (5%), 3 homens transsexuais (1%), 3 bissexuais (1%) e 2 homens heterossexuais confundidos com gays (0,4%) mortos. Quanto à idade das vítimas, 33% tinham entre 15 e 30 anos e 8% tinham mais de 46 anos. O levantamento mostra que 5 vítimas eram menores de idade. O levantamento identificou 74 pardos e pretos (54%) e 62 brancos (46%) entre os que morreram. Em relação à tipologia das mortes violentas de LGBTI+ ocorridas em 2020, a pesquisa identificou 215 homicídios (90,7%), seguido de 13 suicídios (5,4%) e 9 latrocínios (3,7%). Quanto à causa da morte, predomina as mortes violentas com arma de fogo (42,3%), seguido de armas brancas (23%) e espancamento (9,1%). O relatório aponta ainda que o Nordeste ocupa o primeiro lugar em número de mortes com 113 casos, seguido do Sudeste com 66. Depois, vêm as regiões Norte e Sul com 20 mortes cada. No Centro-Oeste, 18 mortes. As capitais mais violentas foram Salvador (20 casos) e São Paulo (10) (Poder 360, maio de 2021).

Segundo dados do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+, feito pelos grupos Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia (GGB), foram contabilizadas mais de cinco mil mortes de pessoas representadas por essas letras em vinte anos.

► DICA!

- A visibilidade da pauta LGBTQIA+ tem sido ampliada nos últimos tempos. Alguns destaques para o tema são: Douglas, primeiro atleta abertamente gay, do vôlei masculino, campeão olímpico em 2016, conquistou uma legião de fãs nas redes sociais e viralizou com vídeos engraçados e espontâneos durante as Olimpíadas de Tóquio.